



**05 DE ABRIL DE 2016**

**Terça-feira**

- JUSTIÇA DESOCUPA FÁBRICA DA MABE EM SÃO PAULO
- COM CRISE, PEDIDOS DE FALÊNCIA CRESCEM 31% NO TRIMESTRE, DIZ SPC
- CONVITE: CURSO " TRIBUTOS, INFRAÇÕES E PENALIDADES NO COMÉRCIO EXTERIOR"
- CRISE FAZ VENDA CAIR NO 1º BIMESTRE PELO SEGUNDO ANO SEGUIDO
- CONFIANÇA DA INDÚSTRIA PARANAENSE SOBE, MAS SEGUE PESSIMISTA
- COM CRESCIMENTO DA DÍVIDA, COPEL REDUZ REPASSE DE LUCRO AOS ACIONISTAS
- MEDO DO DESEMPREGO CRESCE EM MARÇO, APONTA PESQUISA DA CNI
- LAGARDE, DO FMI, PEDE POR AÇÃO GLOBAL DIANTE DE AUMENTO DE RISCOS
- VALE VENDE PARTICIPAÇÃO MINORITÁRIA EM SIDERÚRGICA PARA THYSSENKRUPP
- BRASIL PRECISA SUPERAR CRISE POLÍTICA O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL, DIZ DIRETOR DO FMI
- FENABER PROPORÁ AO MINISTÉRIO DA FAZENDA CRIAÇÃO DE POLO DE RESSEGUROS NO BRASIL
- VOTORANTIM INDUSTRIAL TEM LUCRO MENOR EM 2015, MAS GERAÇÃO DE CAIXA SEGUE FORTE
- DESACELERAÇÃO DA ECONOMIA DO BRASIL SUPERA O PREVISTO, AVALIA FMI
- GRUPO VW INVESTE NA AUTONOMIA DE PESADOS
- LIBRELATO INVESTE R\$ 3 MILHÕES PARA PRODUIR FURGÕES LEVES DE ALUMÍNIO
- TENNECO NOMEIA NOVO VICE-PRESIDENTE PARA A AMÉRICA DO SUL
- ARTIGO: RECONSTRUÇÃO
- MÔNACO SE APRESENTA COMO OPORTUNIDADE DE NEGÓCIOS AO BRASIL
- COPEL ESTUDA EMITIR LOTE DE DEBÊNTURES ATÉ METADE DE 2016
- PEUGEOT MIRA EXPANSÃO INTERNACIONAL EM PLANO DE MÉDIO PRAZO
- A CRISE TORNOU OS EMPRESÁRIOS IMPACIENTES E ATÉ DEPRESSIVOS
- MINISTRO DIZ ESTAR SEGURO DE QUE HAVERÁ AUMENTO DE RECEITA DAS EXPORTAÇÕES NO ANO

- NOVOS ACORDOS COMERCIAIS NO MUNDO SÃO DESAFIO PARA O BRASIL, DIZ ARBACHE
- VOLKSWAGEN GASTARÁ CERCA DE MEIO BILHÃO DE EUROS EM CAMINHÕES DIGITAIS ATÉ 2020
- BRASIL VAI APRESENTAR OPORTUNIDADES EM ENERGIA SOLAR E EÓLICA EM EVENTO NOS EUA
- CONTA DE LUZ 4,09% MAIS BARATA AJUDA A CONTER INFLAÇÃO DA BAIXA RENDA EM MARÇO
- CONFIANÇA SOBE, MAS 62% DAS MPES RELATAM PIORA, APONTA CNDL

<b>CÂMBIO</b>		
<b>EM 05/04/2016</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,675	3,675
<b>Euro</b>	4,183	4,184

**Fonte: BACEN**

### Justiça desocupa fábrica da Mabe em São Paulo

05/04/2016 - Fonte: Gazeta do Povo

Trabalhadores da Mabe, dona da marca de fogões Dako e de geladeiras Continental, em Hortolândia (SP), foram retirados pela Polícia Militar (PM) de dentro da empresa no domingo (3), após um mês e 18 dias de ocupação.

A invasão ocorreu em 15 de fevereiro, após a Justiça ter decretado falência da empresa e os quase 2 mil trabalhadores, incluindo o pessoal da unidade de Campinas, ambas no interior de São Paulo, terem sido demitidos.

Com salários atrasados desde dezembro e sem receber rescisões, um grupo permaneceu dentro das duas fábricas. A de Campinas continua ocupada, mas a empresa responsável pela massa falida, a Capital Administradora Judicial, aguarda decisão da Justiça para também desocupar essa unidade.

A liminar pedindo a desocupação da filial de Hortolândia foi expedida em 18 de março. No início da tarde de domingo, um forte efetivo policial, com vários carros e um helicóptero entrou na fábrica e retirou cerca de 12 pessoas que estavam no local.

“Como era domingo, muitos trabalhadores tinham ido para casa visitar os familiares e havia menos gente acampada”, diz o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região, José Everaldo Batista de Freitas, que estava no local durante a ação da polícia.

“Policiais que estavam no helicóptero desceram por uma corda no meio da fábrica e outros, fortemente armados, vieram pelos fundos e pela frente; não houve qualquer reação”, diz Freitas, que é funcionário da unidade de Hortolândia desde sua inauguração, em 1997.

Quando os trabalhadores já estavam do lado de fora da fábrica houve um tumulto e a polícia os dispersou com gás de pimenta. “Foi muita truculência”, diz o presidente do sindicato, Sidalino Orsi Júnior.

Parte dos trabalhadores segue acampada, agora em frente aos portões da fábrica, que está cercada por seguranças particulares contratados pela Capital.

A administradora da massa falida informa que haverá audiência na segunda-feira, no Ministério Público do Trabalho, em Campinas, entre a empresa e o sindicato para discutir questões que envolvem falência, direitos e deveres de cada parte.

A Capital já havia apresentado à Justiça um plano de continuidade para os ativos da massa falida, mas alega que terá de revisar o processo em razão do tempo em que a empresa ficou ocupada.

O grupo mexicano Mabe deve R\$ 19,2 milhões para credores, R\$ 4,5 milhões para fornecedores e R\$ 19,1 milhões em encargos trabalhistas. A Capital pretendia inicialmente retomar a produção com cerca de 550 funcionários nas duas fábricas para tentar fazer caixa.

O sindicato, contudo, quer a volta de todos os funcionários - muitos deles com estabilidade, pois são portadores de doenças profissionais. Também reivindica o pagamento integral das rescisões para quem quiser deixar a empresa.

“Tem gente com mais de 20 anos de trabalho; como vai sair sem receber os direitos?”, pergunta Freitas.

### **Com crise, pedidos de falência crescem 31% no trimestre, diz SCPC**

05/04/2016 - Fonte: G1

***Pequenas empresas representaram 88% do total de pedidos. Alta nos pedidos de recuperação judicial foi ainda maior, de 165,7%.***

A crise econômica acertou em cheio as empresas brasileiras, mostra pesquisa da Boa Vista SCPC divulgada nesta terça-feira (5). De janeiro a março, os pedidos de falência cresceram 31,6% na comparação com o mesmo período do ano passado.

As pequenas empresas foram atingidas com mais força, representando 88% do total dos pedidos. As médias foram responsáveis por 9% dos pedidos, e as grandes, por 3%.

Cresceram também, com força, os pedidos de recuperação judicial. A alta foi de 165,7% no primeiro trimestre, ante os primeiros três meses de 2015.

Já o deferimento de pedidos de falência cresceu 6,6%, enquanto o de recuperações judiciais teve alta de 172,3%, na mesma comparação.

## Convite: Curso "Tributos, Infrações e Penalidades no Comércio Exterior"

05/04/2016 - Fonte: FIEP

Fiep convida para o curso.



**CAPACITAÇÃO EMPRESARIAL**  
**TRIBUTOS, INFRAÇÕES E PENALIDADES NO**  
**COMÉRCIO EXTERIOR**

CIN. Soluções para internacionalização.

Inscreeva-se e saiba mais sobre tributos incidentes na importação e exportação, e as principais infrações e penalidades aplicáveis no Comércio Exterior Brasileiro.

**Programa:**

**Introdução**  
- Noções Introdutórias de Comércio Exterior: Aduana, Território Aduaneiro, Zona Primária, Zona Secundária, Recintos Alfandegados.

**Tributos incidentes em operações de Comércio Exterior**  
- Espécies Tributária: Impostos, Taxas, Contribuições e Empréstimo Compulsório  
- Imposto de Importação  
- Imposto sobre Produtos Industrializados  
- PIS/PASEP-Importação e COFINS-Importação  
- ICMS - Taxa de Utilização do SISCOEX  
- AFRMM  
- Imposto de Exportação

**Infrações e Penalidades**  
- Perdimento de Veículo  
- Perdimento de Mercadoria  
- Perdimento de Moeda  
- Multas na Importação e na Exportação  
- Sanções Administrativas (advertência, suspensão e cancelamento)

Clique no valor desejado e garanta já sua inscrição

**Investimento:**  
[R\\$ 200,00](#) - Empresas associadas a Sindicatos da FIEP e Estudantes até 07/04  
[R\\$ 230,00](#) - Empresas associadas a Sindicatos da FIEP e Estudantes de 08 a 14/04  
[R\\$ 230,00](#) - Demais participantes até 07/04  
[R\\$ 265,00](#) - Demais participantes de 08 a 14/04

[Conheça nosso programa de fidelidade!](#)

**Data:** 15/04/2016 (sexta-feira)  
**Local:** Campus da Indústria | Av. Comendador Franco, 1341 - Jardim Botânico  
**Horário:** 09h às 18h  
**Carga Horária:** 8 horas

Mais informações [aqui](#).

Em caso de dúvidas, entre em contato com:  
**Caroline Pinheiro do Nascimento**  
(41) 3271-9101  
[caroline.nascimento@fiepr.org.br](mailto:caroline.nascimento@fiepr.org.br)

Realização



[cinpr.org.br](http://cinpr.org.br)

@cin\_pr

facebook.com/cinpr

## Crise faz venda cair no 1º bimestre pelo segundo ano seguido

05/04/2016 - Fonte: Bem Paraná

A crise econômica no país faz com que as vendas de combustíveis registrem queda pela segunda vez consecutiva no primeiro bimestre. E dessa vez, a redução no comércio de diesel, gasolina e etanol é ainda maior.

Segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis), o total comercializado pelas distribuidoras nos dois primeiros meses caiu 5,5% -em 2015, a queda foi de 1,9%. Combustível mais consumido no país devido ao peso do transporte rodoviário de cargas, o diesel apresentou queda de 6,6%. Mas houve redução também de etanol (-6,8%), que sofre com a entressafra de cana-de-açúcar, e da gasolina (-

2,6%). A diminuição é reflexo do movimento nas rodovias. Segundo o índice ABCR (Associação Brasileira de Concessionárias de Rodovias), nos dois primeiros meses, houve queda de 4,6% no fluxo de veículos pesados nas rodovias e de 1,4% no de leves. Nos últimos 12 meses, a redução atinge 5,1% nos pesados e 0,9%, nos leves.

O índice é calculado com base no total de veículos que passam pelas praças de pedágio. No caso do diesel, a venda desse combustível tem acompanhado o desempenho da economia na última década. Em 2007, por exemplo, o PIB (Produto Interno Bruto) cresceu 6,1% e a comercialização do diesel aumentou 6,53%.

Nos dois anos de PIB negativo, o diesel seguiu o ritmo: em 2009, as vendas do ano todo caíram 1,03%, enquanto o PIB recuou 0,1% e, em 2015, as quedas foram de 4,69% e 4,77%, respectivamente.

Segundo o índice ABCR (Associação Brasileira de Concessionárias de Rodovias), nos dois primeiros meses houve queda de 4,6% no fluxo de veículos pesados nas rodovias e de 1,4% no de leves. A taxa é calculada com base no total de veículos que passam pelas praças de pedágio.

"É uma situação compatível com a dinâmica industrial. O deslocamento de cargas depende do ritmo de produção. Como a produção está em retração, há arrefecimento no movimento nas rodovias", disse Luciano Bacciotti, economista da Tendências Consultoria, que calcula o índice em parceria com a ABCR. Em São Paulo, a retração é mais acentuada, de 6% no fluxo de veículos pesados.

Apesar de ter crescido 37,5% e batido recorde de vendas em 2015 impulsionado por incentivos tributários, o etanol atingiu em fevereiro o pior volume desde setembro de 2014.

As vendas foram menores também graças à entressafra das usinas, que tradicionalmente encerram a moagem de cana em dezembro e retomam a produção a partir de março. No período, os estoques caem e os preços sobem.

A perda de competitividade do etanol ocorre desde novembro, quando o preço chegou a 70,7% do valor da gasolina -até 70% ele é mais vantajoso, segundo a pesquisadora Ivelise Bragato, do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP. "Em fevereiro a relação chegou a 76% e ficou ainda mais agravada para o etanol, o que não ocorria desde 2011."

O preço do etanol só não subiu mais porque havia 23 usinas moendo cana em fevereiro, fora do período tradicional, devido a três fatores: a necessidade de fazer caixa, moer sobra do ano passado, que foi chuvoso, e aproveitar o preço em alta.

O início de ano ruim confirma tendência verificada ao longo do ano passado, quando as vendas caíram 1,9% no mercado de combustíveis -a primeira desde 2013. Além de diesel, gasolina e etanol, o levantamento da ANP computa combustíveis como gasolina de aviação, GLP e querosene de aviação, entre outros.

### **Confiança da indústria paranaense sobe, mas segue pessimista**

05/04/2016 - Fonte: Bem Paraná

O Índice de Confiança da Indústria de Transformação do Paraná (ICIT-PR) subiu três pontos no mês de março na comparação com fevereiro, passando de 34,6 para 37,6.

Apesar da elevação e do terceiro mês seguido de recuperação, o indicador continua na área de pessimismo (abaixo dos 50 pontos) pelo vigésimo sétimo mês consecutivo. O levantamento é da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep).

Na comparação com março do ano passado, o índice registrou elevação de 6,1 pontos. Na avaliação da entidade, o impacto positivo que ajudou a elevar o indicador veio do número que aponta as expectativas da empresa, que registrou aumento de 3,5 pontos — foi de 37,4 em fevereiro a 40,9 em março.

Esse índice é obtido pela combinação dos indicadores de condições atuais da economia e da empresa. Se comparado ao calculado no mesmo período do ano passado, o avanço foi de 7,1 pontos.

O Índice de Condições também apresentou aumento de dois pontos, chegando a 30,9 pontos, mas também se mantém na área de pessimismo pela 39ª vez. O número está 4,3 pontos acima do apresentado em março de 2015.

“O aumento dos índices em março contra o mesmo mês do ano passado pode denotar, por parte do empresário, uma expectativa quanto a uma possibilidade de haver mudanças na política econômica”, pondera Marcelo Percicotti, economista da Fiep.

O Índice de Confiança do Empresário da Indústria de Transformação do Paraná é composto pelo índice de Condições Atuais (peso 1), e pelo Índice de Expectativas (peso 2).

Já os índices de Condições Atuais e de Expectativas são obtidos pela combinação ponderada do sentimento dos empresários quanto às condições presentes da economia como um todo (peso 1) e às condições específicas da empresa do empresário entrevistado (peso 2); mais às expectativas de operação da economia no futuro próximo, em um horizonte de 6 meses (peso 1) e às expectativas de desempenho de sua própria empresa (peso 2).

O termômetro da expectativa da indústria registrou 40,9 pontos em março, 3,5 sobre o mês anterior e 7,1 acima do obtido no mesmo mês de 2015.

### **Nível de produção: alento para a indústria**

Entre os fatores que podem ter motivado a elevação de três pontos no Índice de Confiança estão alguns bons resultados obtidos por empresas em fevereiro, indicados no levantamento de Nível de Produção.

O volume de produção saltou de 37,6 para 42,9 pontos. A utilização da capacidade instalada chegou a 33,3 pontos, acima dos 27,9 do primeiro mês do ano.

Houve ainda evolução do número de empregados, que foi de 40,9 para 41,1 pontos. Já a evolução dos estoques de produtos finais (planejado/desejado) saltou de 54,3 para 58 pontos. Ambos os indicadores passaram para o patamar de otimismo. Os estoques de produtos finais (evolução), porém, registraram leve decréscimo de 52 para 51,9 pontos.

“O ICIT-PR tenta captar o sentimento do empresário por meio de alguns números. Esses números dão o tom do que o empresário sente no momento”, explica Roberto Zurcher, economista da Fiep. “As expectativas [do empresariado] são concebidas por sentimentos qualitativos e quantitativos.

Os quantitativos estão nos números; já alguns qualitativos apareceram em fevereiro, como o recuo do dólar, aumento sazonal da atividade industrial e aparecimento de uma luz no fim do túnel”, complementa.

### **Indústria da Construção**

Houve acréscimo na confiança no setor da Construção. É o que aponta o Índice de Confiança do Empresário da Construção (ICEC-PR). A elevação foi de 1,5 pontos em março, chegando a 35,4 pontos.

Ainda assim, o indicador segue na área de pessimismo pela 24ª vez consecutiva. Este é o segundo aumento seguido, e representa pequena elevação, de 0,7, no índice em comparação ao igual período de 2015.

Mesmo com aumento de 6,3 pontos na comparação com fevereiro deste ano — chegando a 31,2 pontos —, o Índice de Condições desse setor continua na área de pessimismo, abaixo 1,1 ponto do registrado em março do ano passado.

A perspectiva do empresário também permanece nada otimista: o Índice de Expectativas caiu 0,9 pontos, chegando a 37,5 em março, também no patamar de pessimismo. Se confrontado com o mesmo período de 2015, o acréscimo é de 1,7 pontos.

### **Os indicadores**

Mensalmente, o departamento Econômico da Federação das Indústrias do Estado do Paraná divulga os indicadores de Confiança da Construção Civil e o da Indústria de Transformação. Eles variam no intervalo de 0 a 100. Valores acima de 50 pontos indicam empresários confiantes, melhores condições ou expectativas positivas.

Os indicadores de condições e de expectativas sintetizam a percepção do empresário em relação às condições da economia e às do seu negócio e quanto às expectativas em relação à economia e de performance de sua empresa.

### **Com crescimento da dívida, Copel reduz repasse de lucro aos acionistas**

05/04/2016 - Fonte: Bem Paraná



Com uma dívida de quase R\$ 7 bilhões no fim de 2015 e a meta de investir mais de R\$ 3 bilhões neste ano, a Copel decidiu diminuir o repasse de lucros aos acionistas.

A diretoria da empresa propõe distribuir aos sócios R\$ 327 milhões referentes aos ganhos de 2015, 48% menos que no exercício anterior. O valor, que deve ser aprovado em assembleia marcada para 28 de abril, corresponde a pouco mais de um quarto do lucro líquido apurado no ano passado, de R\$ 1,27 bilhão.

A fração é a menor desde 2009, quando o Estado ainda era governado por Roberto Requião (PMDB) e a companhia tinha por política repassar aos sócios não muito mais que o mínimo de 25% exigido pela legislação das empresas abertas.

No governo Beto Richa (PSDB), em que a empresa buscou se reconciliar com o mercado financeiro, esse porcentual subiu primeiro a 35% e depois a 50% – aumento que beneficiou não só os acionistas privados, mas o próprio caixa do governo estadual, dono de 31% da Copel.

Ao mesmo tempo em que distribuía mais lucros, a empresa também aumentava os investimentos, em especial fora do Paraná. Em 2010, no breve governo de Orlando Pessuti (PMDB), ela passou a disputar concessões de geração e transmissão em outros estados, processo que se intensificou na gestão Richa.

No momento, a Copel constrói uma hidrelétrica em Mato Grosso, 13 parques eólicos no Rio Grande do Norte e 4,3 mil quilômetros de linhas de transmissão nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste.

## Ações

Depois de cair quase 50% em apenas três meses, entre outubro e janeiro, as ações da Copel tiveram forte alta nas últimas semanas, na esteira da euforia dos investidores com a possibilidade de impeachment de Dilma Rousseff, vista pelo mercado como positivo para o setor elétrico, alvo de intervenções do atual governo.

As ações preferenciais da companhia, que chegaram a R\$ 17,75 em 20 de janeiro, voltaram a ser cotadas perto dos R\$ 30.

## Endividamento

O resultado dessa estratégia foi um avanço sem precedentes no endividamento.

Enquanto em 2010 a companhia tinha mais dinheiro em caixa que dívidas a pagar, no fim do ano passado sua dívida líquida equivalia a 2,7 vezes a geração de caixa anual medida pelo Ebitda (lucro antes de juros, impostos, amortização e depreciação), ante 2,3 vezes um ano antes.

A Copel, que em seu monitoramento de capital prefere comparar a dívida líquida ajustada ao Ebitda ajustado, observou no balanço de 2015 que essa relação passou de 2,5 para 2,9 no intervalo de um ano.

Apesar do crescimento, o indicador ainda está dentro do limite de até 3,5 estabelecido em contratos de dívida da empresa e em seu planejamento estratégico.

Segundo a companhia, seu nível de endividamento também está abaixo da média do setor elétrico, e os projetos em que ela está investindo serão, no futuro, fontes importantes de geração de caixa.

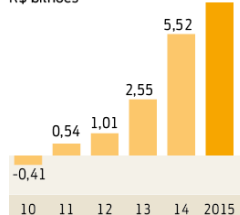
## LUCRO REINVESTIDO

Com investimentos e dívidas em alta, a Copel decidiu reinvestir uma parte maior de seu lucro. O percentual de dividendos de 2015, que ainda será distribuído aos acionistas, será o menor desde 2009.

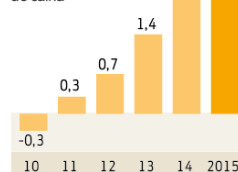


### Dívida líquida consolidada\*\*

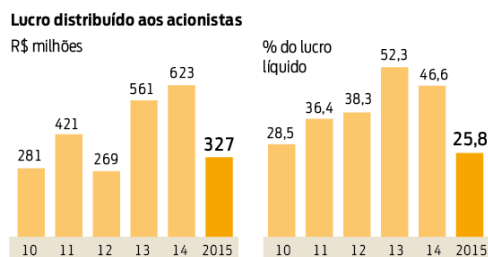
R\$ bilhões



Dívida líquida/geração de caixa\*\*\*







## **Medo do desemprego cresce em março, aponta pesquisa da CNI**

05/04/2016 - Fonte: G1

O índice de medo do desemprego subiu 4,1% em março, na comparação com dezembro do ano passado, informou a Confederação Nacional da Indústria (CNI) nesta terça-feira (5), com base em 2.002 entrevistas em 142 municípios entre 17 e 20 de março.

De acordo com a entidade, o indicador de medo do desemprego atingiu, em março de 2016, o segundo maior patamar da série histórica iniciada em 1999. O índice ficou abaixo apenas do verificado em julho de 1999, informou a Confederação Nacional da Indústria. Quanto mais alto é o indicador, maior é o medo do desemprego.

"Quando comparado com março de 2015, o índice apresenta crescimento de 7,8%. É importante destacar que o maior salto no indicador se verificou entre dezembro de 2014 e março de 2015. Desse modo, a continuidade do crescimento do indicador indica que as expectativas dos brasileiros em relação ao mercado de trabalho continuam a se deteriorar", acrescentou a CNI.

Já o índice de satisfação com a vida, informou a entidade, bateu novo recorde negativo, caindo 2,8% em relação a dezembro de 2015 e chegando a 92,4 pontos. Em relação a março de 2015, o índice recuou 2,4%. Nesse caso, quanto mais baixo é o índice, menor é a chamada "satisfação com a vida", de acordo com a Confederação Nacional da Indústria.

## **Lagarde, do FMI, pede por ação global diante de aumento de riscos**

05/04/2016 - Fonte: G1



As perspectivas já modestas para a economia global vão cair ainda mais a não ser que as autoridades tomem ações mais fortes para impulsionar o crescimento, alertou nesta terça-feira (5) a diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Christine Lagarde, dizendo que a entidade vai cortar suas projeções na próxima semana.

Lagarde afirmou que a mudança da China para um modelo econômico pautado mais na demanda doméstica, os preços baixos das commodities e as condições mais restritas de financiamento em alguns países afetaram as perspectivas.

"Deixem-me ser clara: estamos em alerta, não alarme. Tem havido uma perda de ritmo do crescimento", disse em discurso na Universidade Goethe, em Frankfurt.

A recuperação da crise financeira global de 2007-2009 "continua muito lenta, muito frágil, e os riscos à sua durabilidade estão aumentando".

Mas se as autoridades enfrentarem os desafios e agirem juntas, "os efeitos positivos sobre a confiança global --e a economia global-- serão substanciais."

Lagarde aconselhou os Estados Unidos a elevarem o salário mínimo, a Europa a aperfeiçoar o treinamento de empregados e as economias emergentes a cortarem os subsídios de combustíveis e aumentarem os gastos sociais.

## **Vale vende participação minoritária em siderúrgica para Thyssenkrupp**

05/04/2016 - Fonte: G1

A Vale anunciou nesta segunda-feira (4) que vendeu a sua participação total de 26,87% na Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA), uma parceria com a alemã Thyssenkrupp.

Segundo a companhia, o negócio faz parte da sua estratégia de "simplificação de seu portfólio de ativos".

Localizada no Distrito Industrial de Santa Cruz, no Rio de Janeiro- RJ, a CSA possui a capacidade de produzir 5 milhões de toneladas de placas de aço por ano.

Pelo negócio, a Vale deixará de ter responsabilidade pela dívida da CSA. A companhia afirma ainda que a transação "não terá impacto significativo no resultado financeiro".

"A participação da Vale está sendo vendida por um preço simbólico, entretanto existe uma cláusula de earn-out válida por um período, que intitula à Vale uma potencial receita caso o controle acionário da CSA seja vendido para um terceiro", informou a Vale.

"Adicionalmente, com a transação, os acordos de acionistas existentes e outros contratos operacionais entre a Vale e a CSA deixarão de existir, com a exceção do contrato de compra e venda de minério de ferro entre ambas as partes. Os direitos minoritários e outros direitos participativos da Vale na CSA não serão mais aplicáveis", completou.

O acordo depende de aprovação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade).

A CSA divulgou que tinha 2,6 bilhões de euros em obrigações totais no fim do ano fiscal de 2015, destaca a Reuters.

A siderúrgica viu os custos de produção dispararem em meio à inflação alta, volatilidade cambial e instabilidade política que colaboraram para levar o Brasil a uma recessão profunda. Nos doze meses até setembro, a CSA perdeu quase 400 milhões de euros, mostraram dados da empresa.

### **Histórico**

A mineradora entrou no projeto após enfrentar pressões políticas para diversificar em atividades de valor agregado, como aço ou fertilizantes, lembra a Reuters.

Em 2009, o partido governista, o PT, pressionou a Vale a ampliar a parcela na CSA a partir dos 10% iniciais, com o projeto sofrendo atrasos e severos gastos.

A siderúrgica, construída por cerca de 10 bilhões de dólares, foi inaugurada com alarde no ano seguinte, em uma cerimônia que contou com a presença do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Desde que começou a operar em 2010, a CSA tem sido afetada por um excedente global no mercado de placas de aço que pressiona as suas margens e limita o uso da capacidade.

A CSA começou a apresentar problemas desde a inauguração. O projeto tinha um erro na linha de produção, e uma parte de Santa Cruz ficou coberta de fuligem, resultado da produção de ferro gusa.

Houve muitas reclamações dos moradores da região por conta da poluição, duas ações do Ministério Público por crimes ambientais e sete autuações do Inea, com milhões de reais em multas.

O presidente-executivo da companhia, Murilo Ferreira, disse recentemente que a empresa estava considerando a venda de ativos para reduzir a dívida em 10 bilhões de dólares em um período de 18 meses.

A Vale ainda mantém participação na Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), no Ceará – joint venture entre a brasileira e as sul-coreanas Dongkuk e Posco.

### **Brasil precisa superar crise política o mais rápido possível, diz diretor do FMI**

05/04/2016 - Fonte: R7

O diretor executivo do Fundo Monetário Internacional (FMI), Otaviano Canuto, avaliou que a crise política brasileira precisa ser superada o mais rápido possível para que sejam destravadas decisões de investimento. Durante evento em São Paulo, Canuto afirmou que a opinião reflete seu posicionamento "como indivíduo" e não o do Fundo.

"Decisões privadas de investimento esperam o desenrolar da crise política e o setor público só vai perseguir uma agenda de reformas depois da solução da crise política", comentou, durante o evento "2016 Latin American Cities Conference", promovido pela Câmara Americana de Comércio. Questionado, o diretor do FMI preferiu não responder sobre a evolução do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Para Canuto, há uma dificuldade de medir, do ponto de vista macroeconômico, qual é o impacto da crise política. Ele avaliou, porém, que a crise envolve empresas as quais respondem por uma parcela relevante do PIB brasileiro. A queda no PIB, avaliou, decorre da "paralisa" nos investimentos privados, a qual tem sido provocada pela crise política.

#### Reforma fiscal

O diretor executivo do Brasil no FMI disse que o País precisa de uma reforma fiscal para passar a limpo os gastos públicos e eventualmente cortar aqueles que não se justificam do ponto de vista de investimento em infraestrutura ou combate à pobreza. "Isso permitiria, lá na frente, maior espaço para investimentos públicos ou mesmo a redução da carga tributária", afirmou.

Ele comentou que os compromissos de gasto social embutidos na Constituição de 1988 apontaram na direção do avanço social que o Brasil viveu nos últimos anos, mas como outros privilégios anteriores foram mantidos sem ajustes, os gastos da máquina pública cresceram inexoravelmente ano após ano.

"O gasto público como proporção do PIB subiu de 22% em 1991 a 34% em 2014. Aí não sobra dinheiro para infraestrutura."

Segundo Canuto, o progresso socioeconômico no Brasil nos últimos anos foi obtido sem um avanço significativo nos ganhos de produtividade. Esses ganhos são fundamentais para aumentar o rendimento do trabalho sem dano à competitividade e permitir disponibilidade de bens e serviços melhores e mais baratos à população.

"Se há necessidade de aumento da receita pública para uso em programas sociais, isso só será possível com aumento de produtividade. Retornos maiores para a poupança privada também precisam de aumento de produtividade", afirmou.

Ele lembrou que, alguns anos atrás, quando a economia brasileira crescia fortemente, criou-se uma ilusão de que a questão da produtividade era menos importante. "Agora que a água da maré desceu é que a nudez de quem cresceu sem aumento de produtividade aparece com clareza".

Segundo Canuto, o Brasil tem um problema terrível de produtividade e sem enfrentá-lo não há como imaginar que o País voltará a crescer, que haverá melhora no progresso social. Até porque, diz ele, os recursos usados nos últimos anos para impulsionar o crescimento se esgotaram.

Ambiente de negócios

O diretor do FMI comentou que o Brasil tem um péssimo ambiente de negócios, que além de ser custoso gera distorções que levam à falta de incentivo para os agentes privados investirem em inovação.

Segundo ele, o País não tem uma economia de mercado em pleno funcionamento, porque há empecilhos para a concorrência, o que também dificulta o avanço da produtividade.

Canuto apontou ainda que o Brasil continua sendo a economia mais fechada entre seus pares. Ele lembrou que nenhum ator relevante na economia mundial pode se dar ao luxo de ignorar o mercado brasileiro, por isso o País recebe tanto investimento estrangeiro direto, mas é preciso mudar essa relação.

"Isso apenas reforça o modelo existente, que é voltado para dentro. Temos de passar disso para a atratividade de investimentos em direção a aumento de eficiência, não só buscar mercado protegido".

O economista apontou que a não inserção do Brasil em cadeias globais de valor dificulta o acesso a tecnologias e, nesse sentido, também criticou a grande exigência de conteúdo local para empresas que produzem aqui.

Ele afirmou que o Brasil precisa urgentemente de uma agenda de reformas que inclua mudanças no sistema educacional, investimentos em infraestrutura e simplificação tributária. "Sem um ambiente de negócios minimamente decente, não vamos ter um capitalismo que funcione adequadamente."

## **Fenaber propará ao Ministério da Fazenda criação de polo de resseguros no Brasil**

05/04/2016 - Fonte: R7

O mercado de resseguros vai apresentar para o Ministério da Fazenda até o final do primeiro semestre deste ano um projeto que sugere a criação de um polo regional de resseguros no Brasil, de acordo com o presidente da Federação Nacional das Empresas de Resseguros (Fenaber), Paulo Pereira. O objetivo, segundo ele, é atrair mais resseguradores internacionais para o País, principalmente, da América Latina.

"O mercado brasileiro movimenta US\$ 2,5 bilhões, enquanto na América Latina a cifra é de US\$ 21 bilhões. Se atrairmos 10% desses recursos, poderemos dobrar o mercado de resseguros brasileiro", afirmou Pereira, durante o 5º Encontro de Resseguro do Rio de Janeiro, promovido pela Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg).

O projeto para transformar o Brasil em um polo regional de resseguros está sendo concluído ainda, conforme ele. A expectativa, conforme Pereira, é que até o final de

maio, início de junho, esteja pronto para que seja apresentado ao Ministério da Fazenda.

De acordo com ele, o projeto sugere incentivos tributários para participantes sem que ocorra renúncia fiscal para o governo, já que terá como base o volume novo de resseguro a ser gerado por conta do polo no Brasil. "A criação de um polo de resseguros no Brasil já aconteceu no passado, mas parou e, agora, voltou. Vamos sugerir uma alíquota menor para os participantes.

O assunto está na pauta de uma agenda positiva para o Brasil, uma vez que deve gerar novos impostos e incentivar resseguradores a entrar no polo", explicou Pereira, durante conversa com jornalistas.

Questionados sobre se a perda de investment grade do Brasil por agências internacionais é um impeditivo para o avanço do projeto, uma vez que diversos países têm essa exigência, o superintendente da Superintendência de Seguros Privados (Susep), Roberto Westenberger, negou. De acordo com ele, o polo de resseguro visa ser um núcleo fora da economia e das regras brasileiras negociais, mas em linha com a regulamentação internacional.

"Não importa tanto a crise macroeconômica (para a criação do polo de resseguros). Precisamos pensar no longo prazo", avaliou o superintendente, acrescentando que a Susep cobrou mais rapidez do grupo responsável pela criação do projeto de polo de resseguros no Brasil.

O presidente da Fenaber admitiu, contudo, que há um grande desafio em transformar o Brasil em um polo regional de resseguros e que será necessário mudar as regras, como as de investimentos. "O desafio é grande. Temos de mudar o ambiente regulatório, trabalhista e tributário", concluiu ele.

### **Votorantim Industrial tem lucro menor em 2015, mas geração de caixa segue forte**

05/04/2016 - Fonte: R7

A Votorantim Industrial teve queda de 77 por cento no lucro líquido em 2015, devido à reversão no ano passado de impostos diferidos relacionados à operação de níquel e a um ganho extraordinário em 2014 com venda de energia.

O grupo-cujo balanço consolida resultados de operações em cimentos, siderurgia, metais e energia, entre outros-- teve lucro anual de 382 milhões de reais, sobre uma receita líquida recorde de 31,5 bilhões de reais, alta de 11 por cento.

O Ebitda (sigla em inglês para lucro antes de juros, impostos, amortização e depreciação) foi de quase 7 bilhões de reais no ano passado, queda de 2 por cento.

Segundo a companhia, o bom desempenho das operações externas, dividendos extraordinários recebidos da produtora de celulose Fibria, que tem a Votorantim no bloco de controle, e a venda de terras no quarto trimestre ofuscaram o impacto da debilidade da economia brasileira no Ebitda.

Como resultado do aumento de dois dígitos da receita e da leve retração da geração de caixa, a margem Ebitda do grupo teve redução de 3 pontos percentuais em 2015, para 22,2 por cento.

A alavancagem medida pela relação entre dívida líquida e Ebitda estava em 2,78 vezes em dezembro, acima do índice de 2,31 um ano antes, mas menor que os 3,23 de setembro de 2015.

A Votorantim terminou o ano com dívida bruta de 30,5 bilhões de reais e com caixa e disponibilidades de 10,6 bilhões de reais, além de possuir duas linhas de crédito rotativo até 2020 que totalizam 1,2 bilhão de dólares. O prazo médio de vencimento da dívida é de 7,4 anos.

"Os recursos em caixa e equivalentes financeiros... são suficientes para cobrir todas as obrigações nos próximos 42 meses", disse a Votorantim.

#### QUARTO TRIMESTRE

Entre outubro e dezembro de 2015, a Votorantim Industrial teve prejuízo líquido de 219 milhões de reais, revertendo lucro de 572 milhões de reais um ano antes.

A receita líquida no quarto trimestre foi de 8,2 bilhões de reais, alta de 10 por cento na comparação anual, e o Ebitda ajustado alcançou 2,1 bilhões de reais, expansão de 25 por cento sobre os mesmos três meses de 2014.

Em janeiro, o grupo promoveu uma simplificação societária, pela incorporação da Votorantim Participações pela Votorantim Industrial, que passou a ser denominada Votorantim S.A.

### **Desaceleração da economia do Brasil supera o previsto, avalia FMI**

05/04/2016 - Fonte: R7

A desaceleração registrada pelo Brasil é maior que o esperado, afirmou a diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Christine Lagarde, em um discurso na Alemanha nesta terça-feira, 5, no qual ressaltou que os riscos para a economia mundial aumentaram em meio à expansão de vulnerabilidades nos países emergentes.

Lagarde ressaltou que os países emergentes formam um grupo muito diverso, mas no geral tem predominado a tendência de enfraquecimento da economia. A transição de modelo de crescimento da China é saudável e bem-vinda, mas o país terá que lidar com taxas menores de expansão.

Rússia e Brasil estão em recessão e o petróleo barato tem afetado as perspectivas de vários países, incluindo o Oriente Médio e a África. A principal exceção nesse quadro continua sendo a Índia. A expansão no país segue "forte" e a renda também tem crescido.

Lagarde não falou de projeções de crescimento nesta terça-feira. Os números serão divulgados na próxima semana, dia 12, quando começa a reunião de Primavera do FMI em Washington.

O Brasil pode ter as projeções rebaixadas mais uma vez, como vem acontecendo a cada novo relatório do FMI desde 2012.

Na última atualização de estimativas do Fundo, divulgada em janeiro, a previsão era de que o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil fosse encolher 3,5% este ano e ficar estável em 2017.

#### Riscos

Entre os riscos que têm contribuído para elevar a vulnerabilidade nos países emergentes, Lagarde citou o aumento do endividamento de empresas, volatilidade maior nos fluxos internacionais de capital e, em alguns mercados, os bancos mais cautelosos em liberar crédito.

Muitos destes riscos podem provocar contágios de um país para outro, ressaltou a dirigente.

Na segunda-feira, o FMI publicou um estudo em que mostra que as repercussões financeiras de eventos em países emergentes aumentaram nos últimos anos.

#### Economia mundial

De acordo com Lagarde, o crescimento da economia mundial teve enfraquecimento adicional nos últimos meses, enquanto os riscos de piora da atividade aumentaram.

"A economia global enfrenta um tempo de crescente risco e incerteza", afirmou.

No discurso na Alemanha, Lagarde cobra "ações decisivas" dos governos para restaurar a trajetória de crescimento das economias e pede maior cooperação internacional para combater não apenas a fraqueza econômica, mas também a corrupção e as mudanças climáticas. "Podemos fazer melhor, temos que fazer melhor, mas para isso as políticas precisam ir além", disse a dirigente. "Estamos em alerta, não alarmados."

A boa notícia, afirmou Lagarde, é que a recuperação da economia mundial continua. "Temos crescimento, não estamos em uma crise." A notícia nem tão boa, disse ela, é que essa recuperação permanece "muito fraca, muito frágil, e os riscos para sua durabilidade estão aumentando".

Os riscos de piora da economia permanecem e alguns aumentaram, disse a dirigente do FMI, citando vulnerabilidades em mercados emergentes, um legado da crise nos países desenvolvidos, com enfraquecimento do comércio mundial e aumento da volatilidade nos mercados e dos riscos para a estabilidade do sistema financeiro.

Para lidar com essa situação, Lagarde afirma que todos os países precisam de medidas contingenciais no caso do cenário piorar. Além disso, são necessárias medidas estruturais, maior cooperação internacional e o uso de uma política fiscal "amigável ao crescimento", onde possível.

"Alguns países têm espaço para expansão fiscal e deveriam usá-lo", disse ela, ressaltando que o mundo precisa também de estímulos monetários, mas eles sozinhos já não são mais suficientes.

#### Juros negativos

Lagarde disse que as taxas de juros negativos adotadas pelo Banco Central Europeu (BCE) e no Japão são bem-vindas, mas podem ter efeitos colaterais que precisam ser monitorados.

"Enquanto a acomodação deve continuar na maioria das economias avançadas, é evidente que a política monetária não pode mais ser o alfa e ômega para a recuperação", disse ela, mencionando a necessidade de suporte fiscal e de reformas estruturais.

A representante do FMI frisou ainda que o risco de a economia mundial ficar presa em um nível de crescimento definido por ela como "novo medíocre" aumentou.

A esperada aceleração da expansão dos países desenvolvidos não ocorreu no ritmo previsto, ao mesmo tempo em que emergentes, com a China e Brasil, perderam fôlego.

Nos mercados desenvolvidos, os EUA estão sendo afetados pela valorização do dólar, que prejudica as exportações do país e as empresas multinacionais.

A zona do euro tem registrado baixo investimento e, no Japão, tanto a expansão do PIB como a inflação estão abaixo do esperado.

## **Grupo VW investe na autonomia de pesados**

05/04/2016 - Fonte: Automotive Business



O Grupo VW vai investir cerca de € 500 milhões até o fim da década em tecnologia autônoma para os veículos pesados das marcas MAN e Scania. O anúncio foi feito na segunda-feira, 4.

A MAN está mostrando em Munique, na Alemanha, a viabilidade de um sistema em que um veículo pesado dirigido por uma pessoa é seguido em comboio por outros caminhões semiautônomos.

Os "brutos" se conectam pela transferência digital de dados. Dois ou mais veículos seguem um atrás do outro a uma distância de como dez metros ou o equivalente a meio segundo.

O motorista do primeiro veículo define trajeto e velocidade. Os de trás repetem as ações. De acordo com a VW, essa interação permite redução de consumo e emissões em até 10%.

Chamado de "Desafio Europeu do Comboio de Caminhões", a iniciativa foi proposta pelo governo holandês, que quer favorecer a condução autônoma. A Scania também entrou no programa, inicialmente com três veículos partindo da Suécia no fim de março. Os caminhões seguiram para a Dinamarca, depois Alemanha, Bélgica e Países Baixos.

No dia 4, a MAN iniciou seu comboio partindo de Munique com destino a Rotterdam. Ao lado de veículos de outros fabricantes europeus, eles chegarão em 6 de abril. "O desafio demonstra claramente o quanto o setor de transportes irá mudar. Os caminhões estarão totalmente conectados e isso vai aumentar a segurança e eficiência", afirma o ministro alemão dos Transportes, Alexander Dobrindt.

No sistema adotado, os veículos do comboio estão conectados por uma "barra de tração eletrônica". Os comandos de manobra são transmitidos diretamente de um caminhão para o outro. O de trás também pode enviar dados de volta ao da frente. A comunicação entre eles ocorre por uma conexão WLAN com frequência de 5,9 gigahertz.

## **Librelato investe R\$ 3 milhões para produzir furgões leves de alumínio**

05/04/2016 - Fonte: Automotive Business



Após promover a renovação dos furgões da linha pesada de alumínio a Librelato estreia no mercado de furgões leves também de alumínio. Os novos produtos que atendem caminhões dos segmentos semileve até semipesado, com comprimentos entre 3 metros e 10,5 metros, são fabricados na unidade de Criciúma, uma das quatro fábricas



que a empresa mantém em Santa Catarina e para a qual destinou investimento de R\$ 3 milhões para produzir os novos implementos.

“Detectamos uma fatia de mercado que podemos atacar, além dos nossos próprios clientes solicitarem este tipo de produto” afirma Pedro Bolzzoni, diretor comercial. “Estamos já entregando as primeiras unidades neste mês e temos a expectativa de vender cerca de 80 furgões mensais”, projeta.

A expectativa, segundo a empresa, é de que os novos furgões tenham como principais mercados as regiões Sudeste, Sul e Nordeste, para o transporte de carga seca.

Em sua concepção, o novo implemento oferece na parte interna travessas laterais em alumínio formato ômega, barras de amarração de carga em aço e ripamento interno de aço galvanizado. Por fora está disponível para choque móvel, protetores laterais e saia traseira que pode ser personalizada.

“Cada vez mais temos que nos atualizar e sempre oferecer os melhores produtos para nossos clientes. Com a utilização de alumínio e tecnologia empregada, modernizamos a linha de furgões, que vai oferecer ainda mais o melhor custo benefício ao transportador”, completa Bolzzoni.

### **Tenneco nomeia novo vice-presidente para a América do Sul**

05/04/2016 - Fonte: Automotive Business

O espanhol Joseph Fornos assume a vice-presidência da Tenneco para a América do Sul no lugar do argentino Guillermo Minuzzi. O executivo está há 16 anos na companhia e vai conduzir as estratégias de negócios na região, além da Índia e de projetos especiais na Europa.

A Tenneco é especialista em componentes de suspensão e sistemas de exaustão. No Brasil a companhia fornece às principais fabricantes de veículos do País. Na reposição, é detentora da marca de amortecedores Monroe e também da Monroe Axios, para outros componentes para suspensão.

Formado em Engenharia Elétrica pela Universidade Politécnica de Barcelona, Joseph Fornos iniciou sua trajetória na Tenneco como vice-presidente e gerente-geral da área de equipamento original para veículos de passeio.

### **Artigo: Reconstrução**

05/04/2016 - Fonte: Folha de S.Paulo

O país passa por um momento de importantes definições políticas. Se haverá ou não troca de governo, essa é uma decisão que vai caber ao Congresso Nacional e ao Supremo Tribunal Federal.

Sem entrar no mérito da monumental batalha política travada neste momento, observo que, qualquer que venha a ser o grupo vencedor, este precisará enfrentar com determinação nossos dois principais problemas imediatos, que são a recessão e o desemprego.

Não vai bastar a busca do equilíbrio fiscal, peça-chave do atual discurso neoliberal. Cuidar das contas públicas é tarefa básica, importante e obrigatória para todo administrador, mas só isso não leva ao crescimento da economia.

Um dos erros do governo Dilma em seu primeiro ano do segundo mandato foi o foco único no ajuste fiscal, sem preocupação maior com o emprego e com o ritmo da

economia, que desacelerou rapidamente e entrou em uma recessão agora difícil de ser debelada.

Os mais jovens podem não acreditar, mas o Brasil vai sair da atual crise política e, quando isso ocorrer, seja qual for o governo, precisará rapidamente tomar medidas antirrecessão.

E elas são óbvias: corte de juros básicos, que permanecem inexplicavelmente em 14,25% ao ano, taxa que envergonha o país; estímulo ao crédito para consumo e investimentos –nenhuma economia anda sem isso; e incentivo a atividades com alto índice de geração de emprego, principalmente a construção civil e a infraestrutura.

Além disso, esse governo pós-crise terá de pôr em andamento medidas de efeito a médio e longo prazo, aquelas reformas há tanto tempo reclamadas pela sociedade.

A reforma tributária, por exemplo, poderá diminuir a carga de impostos, o que exigirá reforma administrativa para cortar gastos públicos correntes com a pesada máquina governamental. O governo se tornaria, então, mais regulador e menos empreendedor, deixando a tarefa de empreender para o setor privado.

Na área trabalhista, a reforma seria na linha da flexibilização da legislação, com a adoção de jornadas variáveis, negociações diretas entre empregado e empregador, trabalho em casa e outras medidas modernizantes.

Hoje, infundáveis custos, obrigações e burocracias levam muitas empresas a ter medo de contratar empregados.

Garantidos os direitos adquiridos, a reforma previdenciária terá de caminhar no sentido de obrigar as pessoas a se aposentar mais tarde, acompanhando o aumento da expectativa de vida da população.

A política, gostemos ou não, clama por um novo sistema eleitoral que melhore a representatividade e promova a renovação dos quadros. E talvez o país tenha de avaliar seriamente a adoção do parlamentarismo. A crise atual deixou claro que o presidencialismo é incapaz de apagar incêndios políticos sem traumas nacionais.

De qualquer forma, a normalização do quadro político, quando vier, dará início a uma fase na qual será recomendável lembrar que governos não são ilhas e devem aproveitar pessoas e programas bem-sucedidos no passado recente.

A estabilização da era FHC, por exemplo, deve servir de inspiração para um combate à inflação que vá além da inaceitável política de juros na lua. Os avanços no setor social da era Lula/Dilma também devem ter continuidade.

O país vive um momento de radicalizações, mas seria uma lástima se boas experiências recentes fossem jogadas no lixo por puro preconceito ideológico ou partidário.

(Benjamin Steinbruch- É empresário, diretor-presidente da CSN, presidente do conselho de administração e 1º vice-presidente da Fiesp.)

### **Mônaco se apresenta como oportunidade de negócios ao Brasil**

05/04/2016 - Fonte: Folha de S.Paulo

Em meio a dificuldades em um país grande estão oportunidades para um pequeno. Com essa ideia e o desejo de tornar Mônaco mais conhecido, desembarcou no Brasil uma comitiva de empresários baseados no principado, na primeira missão do conselho

econômico monegasco a um país latino-americano. Em visita rápida ao país, o príncipe Albert 2º esteve com os empresários.

"Veja, nos negócios, as oportunidades estão quando há dificuldades. Um país grande, quando está bem, não se interessa por um pequeno. Hoje talvez os brasileiros se interessem por Mônaco. E, quando a economia retomar, eles se lembrarão de que Mônaco estava lá quando a coisa não ia bem", diz Michel Dotta, presidente do conselho.

Dotta conta que a viagem foi planejada em 2015, quando já se sabia "que havia dificuldades". Ainda assim, continua, o desejo era tornar o principado mais conhecido na região. "Mônaco ainda não é bem conhecido dos brasileiros, sobretudo o Mônaco da economia. As pessoas acham que é [lugar] só de relaxar e dançar. Não, em Mônaco as pessoas trabalham."

Dotta trouxe ao Brasil 46 representantes de empresas e órgãos. Mal chegados ao Brasil, ouviram de especialistas, em palestras na Fecomercio-SP nesta segunda-feira (4), que a economia brasileira não vai nada bem.

Ainda assim, foram informados, vale a pena investir no país, sem perder de vista o mercado de luxo brasileiro.

A comitiva incluiu empresas que vendem uma TV que se transforma em espelho, exportadoras de carne, um serviço que busca identificar herdeiros numa sucessão e corretores de seguros.

Os brasileiros presentes foram seduzidos com belas imagens de um Mônaco moderno, cosmopolita e uma plataforma para negócios na União Europeia e África.

O príncipe Albert 2º disse acreditar que os monegascos vão saber aproveitar o potencial do mercado brasileiro, "mesmo chegando em um período um pouco complicado".

## **Copel estuda emitir lote de debêntures até metade de 2016**

05/04/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



As principais fontes de recursos para o investimento de R\$ 3,15 bilhões programado para 2016 serão o próprio caixa da Copel e financiamentos, preferencialmente do BNDES.

A companhia também quer emitir debêntures (títulos de dívida), mas vai esperar o mercado se tranquilizar. O objetivo é fazer a emissão até o fim deste semestre.

Segundo o presidente da Copel, Luiz Fernando Leone Vianna, parte dos recursos que a empresa quer levantar vão para 13 parques eólicos que ela começou a construir no Rio Grande do Norte, ao custo de R\$ 720 milhões. "Vamos tocar essas obras com nosso fôlego até sair o financiamento do BNDES", diz o executivo.

Outra possibilidade é a emissão de debêntures a serem adquiridas pelo próprio BNDES, corrigidas pela TJLP, hoje em 7,5% ao ano – juro muito inferior ao exigido pelo mercado.

A companhia fez operação parecida no início do ano, quando captou R\$ 300 milhões com o banco.

### **Classificação de risco**

Criticado pela oposição a Beto Richa, em especial pelo senador Roberto Requião, o aumento da dívida da Copel parece não despertar maior preocupação no mercado financeiro. Sinal disso é a classificação de risco da empresa, de grau de investimento, com nota AA+ pela agência Fitch.

Victor Martins, analista da corretora Planner, vê a situação da estatal como confortável. "O aumento da alavancagem foi feito de forma consciente, dentro de um projeto bem pé no chão, em que a empresa investiu em ativos que fazem sentido e agregam valor. Até o momento ela tem sido vencedora nessas escolhas", avalia.

Para Martins, a queda nos dividendos é uma medida "salutar" no cenário atual. "Num tempo de dinheiro escasso e mais caro, vale mais a pena reter esses recursos e investir em projetos que vão dar retorno no médio e longo prazo do que fazer uma distribuição maior de lucro e ter de buscar mais dinheiro no mercado", diz o especialista.

### **Peugeot mira expansão internacional em plano de médio prazo**

05/04/2016 - Fonte: R7

O grupo automotivo PSA Peugeot Citroen anunciou nesta terça-feira planos para uma expansão internacional e foco em serviços pós-vendas, buscando convencer investidores de que pode obter uma recuperação sustentada em ganhos de lucratividade.

A companhia está mirando um aumento de 10 por cento nas vendas até 2018 e mais 15 por cento até 2021, enquanto se expande pela América Latina e Oriente Médio e adiciona produção na Índia e sudeste Asiático, afirmou o presidente-executivo, Carlos Tavares.

Tavares afirmou ainda que a companhia planeja lançar por ano um veículo novo das marcas Peugeot, Citroen e DS, incluindo 11 modelos híbridos e elétricos.

No que o executivo descreveu como "ofensiva global de produto e tecnologia", Tavares afirmou que os planos incluem alcançar mais clientes por meio de ofertas de serviços pós-venda, compartilhamento de carros, vendas de carros usados e uma operação de leasing de várias marcas que tem como meta obter 100 milhões de euros em lucro até 2021.

Entretanto, a reação do mercado foi fria. As ações da Peugeot exibiam queda de 5,5 por cento às 8:41 (horário de Brasília).

"Não acreditamos que o plano vai animar os investidores da Peugeot", disse o analista Arndt Ellinghorst, da Evercore ISI, acrescentando que muitos estavam esperando margens de lucros maiores que a Peugeot prometeu apresentar.

Parte do plano, a Peugeot também vai tomar os primeiros passos para um eventual retorno ao mercado norte-americano por meio do lançamento de um serviço de compartilhamento de carros em 2017, disse Tavares.

O plano "Push to Pass" anunciado nesta terça-feira é promovido sobre uma recuperação de dois anos que levou a companhia da beira do colapso ao mais alto nível de lucratividade em 14 anos e que contou com um pacote de ajuda governamental.

## A crise tornou os empresários impacientes e até depressivos

05/04/2016 - Fonte: R7

Uma das principais características do empreendedor brasileiro é ter uma mente voltada para o mundo das ideias. Por vezes, nem sabe se o que pediu para um funcionário fazer vai dar certo -mas arrisca e manda executar.

O 'sair fazendo' pode dar certo quando as vendas estão mais fáceis, e o mercado, em expansão. Num momento de crise, este modo de agir pode até colocar o negócio em risco.

A análise é da psicóloga Lígia Martins, coach de empresários e executivos, principalmente de grandes organizações, com experiência de duas décadas na área de Recursos Humanos do Grupo Pão de Açúcar.

Desde 2006, quando saiu do GPA, Lígia se tornou uma espécie de detetive da alma corporativa. Fica frente a frente, quase diariamente, com empreendedores e executivos de companhias dos mais variados setores.

Com o agravamento da crise, o que todos eles querem de Lígia são pistas para se comportar e agir diante de uma das maiores crises já enfrentadas por eles e pelo país. O que passa na mente desses comandantes de empresas cheio de ideias quando, de repente, a receita da companhia despenca, a margem de lucro se reduz quase a zero e o dinheiro no caixa mal dá para pagar as contas do mês?

Num primeiro momento, segundo Lígia, vem o susto. É quando ficam perdidos, desorientados, sem saber o que fazer, como ela testemunha nas sessões que realiza. Em seguida, surgem decisões imediatistas, como o fechamento de fábricas ou lojas e até demissões.

Executivos e empreendedores, como ela afirma, costumam agir como se fossem super-heróis. Acham que, sozinhos, vão dar conta de encontrar soluções para os problemas que surgem na organização. Não escutam, muitas vezes, os próprios funcionários.

É comum clientes 'pesos pesados' relatarem que, quando surge uma ideia, convocam imediatamente um diretor numa sala e mandam executar até o que apareceu em um sonho.

"O convite que a crise faz para o empresariado, neste momento, é aquiete a mente, fique em silêncio, respire, organize o pensamento", afirma a psicóloga.

É, segundo ela, o momento de buscar o autoconhecimento, e de olhar para o modelo de negócio e a gestão de processos e pessoas, já que as relações se tornam extremamente feridas num período de crise.

A mente de um empresário em momento de prosperidade, de acordo com Lígia, é muito mais criativa, arrojada e voltada para o presente. Ela funciona até com certo relaxamento na condução do negócio.

"Costumo dizer que, em fase de expansão, os donos das empresas não delegam, eles 'delargam'. Tiram dinheiro do caixa das empresas com muito mais facilidade, e ficam mais desatentos com o futuro do negócio."

Na crise, o empresário fica com a mente mais perturbada, com a fala desgovernada e se revela mais impaciente, irritado, e não apenas com os empregados, mas também com a família, com o trânsito.

Sob pressão, é o momento também, diz ela, de aproveitar as oportunidades, de o empresário repensar o modelo de negócio. "E isso se faz por meio da construção de grau de consciência, não de 'achismo'. É o momento de reflexão".

O livro Foco, de Daniel Goleman, de acordo com Lígia, pode ser uma boa ferramenta para ajudar o empresário que está em apuros neste processo. Para os mais espiritualistas, a dica da coach é ler o "Meditando a Vida", de Padma Samten, com ensinamentos budistas.

Leia a seguir os principais trechos da entrevista com a coach Lígia Martins.

### **A MENTE NA CRISE**

Na recessão, a mente do empresário entra em conflito, fica perturbada. No dia a dia, ele se mostra impacientes, fica com a fala desgovernada e, em alguns momentos, pode demonstrar depressão.

No final de 2014 e começo de 2015 eu via os empresários desesperados, assustados, afoitos. Eles não conseguiam concluir uma frase, encaixavam uma fala na outra, sem concluir a primeira. Era como se eles não elaborassem, não conseguissem editar o pensamento.

O que mais senti neles, principalmente naquele período, foi uma dificuldade de permanecer centrado, consciente sobre as ações. E foi exatamente isso que eles vieram buscar comigo.

Um empresário centrado, equilibrado, em cenário ruim ou bom, tem maior facilidade de achar as respostas que precisa.

Executivos que ficaram desempregados também me procuraram para, por meio do autoconhecimento, aproveitar o momento da crise para fazer escolhas.

A crise trouxe, portanto, a bela chance para o empresário frear o ritmo, olhar ao redor, pensar e enxergar as mudanças que ele precisa fazer nele mesmo que serão capazes de gerar resultados na sua organização.

### **TEMORES**

Os donos de empresas e os executivos mais inseguros, aqueles emocionalmente infantis, têm medo de ficar pobre, de não mais gerar riqueza para a família, de perder o padrão de vida, a possibilidade de colocar os filhos em uma boa escola. O medo, portanto, está mais ligado à causa própria.

Os empresários mais centrados, mais maduros, já pensam mais no coletivo, estão mais preocupados com a vida do outro. Eles vivem uma pressão interna na qual eles se sentem responsáveis por colocar famílias em uma situação ruim.

Um cliente deste tipo trouxe a seguinte questão: como demitir um executivo que ele havia contratado há dois anos. Isso causou um sofrimento grande para ele. Outro medo deste tipo de empresário é de errar, o que provoca uma pressão grande na mente dele.

### **COMO FICAR CENTRADO**

Isso se constrói por meio da consciência, do autoconhecimento. Quando o empresário amplia a consciência do negócio, consegue enxergar qual o melhor caminho para a sua empresa hoje e que será capaz de dar resultados no futuro.

Mas tudo isso se constrói por meio de um processo. São horas e horas de trabalho com o profissional. Ele não vai sair daqui centrado após uma hora e meia de conversa.

Se há um problema, o empresário tem de enfrentá-lo. O que eu digo é que ele precisa olhar o problema de acordo com o tamanho dele, nem com lente de aumento, nem com o binóculo virado ao contrário, de modo que o problema fica distante.

Uma empresa de varejo multinacional teve de enfrentar um problema de relacionamento de pessoas no nível de gerência. Descobrimos que uma das pessoas da gerência fazia um inferno enorme na organização por meio da manipulação de pessoas e fofocas.

Identificado o problema e resolvido, a empresa conseguiu expandir o negócio no Brasil, pois a liderança conseguiu fazer a gestão de fato da empresa, que antes estava sendo realizada de forma oculta por uma 'batata podre'.

Os empresários precisam tomar as decisões de forma centrada, consciente, para que as ações tenham um efeito em cascata dentro da organização. E é preciso seguir rituais para falar delas, em uma reunião, por exemplo, no dia tal e em tal horário.

### **Ministro diz estar seguro de que haverá aumento de receita das exportações no ano**

05/04/2016 - Fonte: Paraná Online

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro, afirmou nesta terça-feira, 5, que não tem dúvidas de que o Brasil terá um aumento na receita de exportações em 2016, que será provocado pela elevação sustentável do volume de embarques ao longo do ano.

"Estou seguro de que teremos aumento de receita de exportação, em que pese a acentuada queda de preços que se verifica no mercado internacional", afirmou Monteiro em rápida conversa com jornalistas, após chegar a um evento em Porto Alegre.

Ele disse discordar das avaliações que sinalizam dificuldade na arrancada das exportações brasileiras, dado que a melhora dos dados da balança comercial são atribuídos mais à diminuição das importações. "Estamos ampliando os volumes exportados.

O que há é uma queda de preços generalizada que afeta todo o comércio global, particularmente no que se refere às commodities. Mas o Brasil consegue compensar parcialmente essa queda de preço com a ampliação dos volumes", disse.

Monteiro citou os números do primeiro trimestre deste ano, quando a balança brasileira acumulou superávit de US\$ 8,398 bilhões, com US\$ 32,186 bilhões de importações (queda de 33,4%) e US\$ 40,585 bilhões de exportações (queda de 5,1%).

"Nesse trimestre houve um crescimento no volume físico exportado em todos os grupos de produtos, 25% nas commodities e 12,5% nos manufaturados. Isso significa que o Brasil está compensando em grande medida está forte queda de preços com um aumento de volume", falou. "O comércio brasileiro cresce, em volume, mais do que a média do comércio internacional."

Ele também rejeitou a possibilidade de que o recente movimento de valorização do real possa influenciar negativamente as exportações. "O que deve se levar em conta não é um momento de volatilidade, mas a taxa média do câmbio real ao longo do ano, e eu tenho certeza de que ela será amigável para o exportador", afirmou.

Segundo Monteiro, o MDIC insiste na estimativa de um saldo comercial de US\$ 35 bilhões para 2016 porque ele prefere se apoiar em uma projeção "mais conservadora", embora as previsões do mercado estejam convergindo para um número bastante

superior a este. "Eu mantenho os US\$ 35 bilhões, mas lembrando que já há projeções indicando um valor de superávit maior, inclusive que alcance os US\$ 40 bilhões", avaliou.

Monteiro está em Porto Alegre para participar de almoço com empresários exportadores do Rio Grande do Sul. Questionado sobre o cenário político e o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, que tramita no Congresso, ele disse que não trataria do assunto. "Eu trato de exportação", disse.

### **Novos acordos comerciais no mundo são desafio para o Brasil, diz Arbache**

05/04/2016 - Fonte: Paraná Online

O desafio de aumentar a competitividade do Brasil encontrou mais um elemento diante do anúncio de novas parcerias comerciais no mundo, avaliou o chefe da assessoria econômica do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Jorge Arbache.

Ele citou como exemplo o acordo transatlântico de livre comércio, o Transatlantic Trade and Investment Partnership (TTIP), que envolve os Estados Unidos e a União Europeia, e avaliou que acordos assim determinam a participação dos países na economia mundial, o que "é um grande desafio para um país (como o Brasil) que tem um grande passivo em algumas áreas".

Durante congresso em São Paulo que reúne empresários, Arbache preferiu tratar do tema da competitividade sob o ponto de vista do longo prazo. Depois do discurso do superintendente do departamento econômico do Citi Brasil, Marcelo Kfoury, que abordou sobretudo a atual crise econômica e a questão fiscal de curto prazo, Arbache considerou que "parte importante da crise não se deve ao que ocorreu nos anos recentes, mas a uma economia historicamente tão pouco competitiva e com problemas de diversificação e inserção no mundo globalizado".

Arbache considerou que "a competitividade no País é muito baixa há muito tempo".

Ele citou como desafios brasileiros a necessidade de elevar a escolaridade média e a diversificação da economia. Para o chefe da assessoria econômica, além de lidar com essas dificuldades que há muitos anos fazem parte da realidade nacional, a economia brasileira precisa ainda buscar novas tecnologias. E novas formas de organização da produção.

Já Kfoury avaliou que uma prioridade deve ser a obtenção de apoio no Congresso para promoção do ajuste fiscal. Ele ponderou que um consenso em torno de um ajuste ajudaria a melhorar a confiança para consumo e investimento.

Ele voltou a mencionar a dificuldade de articulação política do atual governo e considerou que "uma condição necessária para sair do nó que nos encontramos é mostrar alguma expectativa de melhora no quadro fiscal". Essa expectativa, considerou "é difícil de conseguir com o governo atual".

### **Volkswagen gastará cerca de meio bilhão de euros em caminhões digitais até 2020**

05/04/2016 - Fonte: CIMM

A divisão de caminhões da Volkswagen anunciou nesta segunda-feira (4) que gastará cerca de meio bilhão de euros até o fim da década para aprimorar recursos digitais de veículos para o transporte de bens pesados, conforme as fabricantes do segmento aumentam o foco em automação de transporte rodoviário de mercadorias.



A rival alemã Daimler tem estado na primeira linha das fabricantes que têm proposto caminhões sem motoristas, citando melhoras na segurança para os motoristas e eficiência de uso de combustível, enquanto preveem que a tecnologia vai superar obstáculos jurídicos no transporte de carga rodoviário.

A Volkswagen (VW), que começou a fortalecer suas operações com caminhões antes do escândalo de emissão de poluentes em setembro do ano passado, está investindo em digitalização e novas tecnologias de mobilidade como parte de esforços para se reposicionar e superar o escândalo ambiental.

O grupo Truck & Bus da VW disse que gastará "uma quantidade de milhões de euros de em média três dígitos" nos próximos cinco anos em recursos digitais conforme busca melhorar a comunicação de sensores integrados com freios automáticos e outros sistemas.

A MAN, parte da divisão de caminhões da VW com a subsidiária sueca Scania, está usando um evento em Munique, na Alemanha, nesta segunda-feira, para exibir a viabilidade de um sistema no qual um veículo dirigido por uma pessoa é seguido em comboio por outros caminhões semiautomatizados.

## **Brasil vai apresentar oportunidades em energia solar e eólica em evento nos EUA**

05/04/2016 - Fonte: CIMM

Representantes brasileiros dos segmentos de energia solar e eólica e da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) irão participar nos dias 4 e 5 de abril do fórum The Future of Energy Global Summit, promovido pela Bloomberg, em Nova York. O objetivo é apresentar as oportunidades de investimentos no Brasil nesses setores.

"O Brasil tem um potencial grande para crescer, para atrair indústrias da cadeia produtiva e para no futuro a indústria nacional desses setores poder até exportar a partir daqui", explica a gerente de Investimento da Apex-Brasil, Maria Luisa Cravo.

Também devem participar representantes da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), da Associação Brasileira de Energia Eólica (Abeeólica) e da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar). Durante um almoço de negócios, a Apex vai apresentar os avanços do mercado brasileiro nos setores de energia solar e eólica a investidores e formadores de opinião.

"Nossa expectativa é sair de lá já com alguns atendimentos, com algumas empresas interessadas e provocar uma vinda delas aqui para conhecer in loco as oportunidades, conversar com os players, entender melhor a regulamentação do país", diz Cravo. O evento deverá reunir cerca de mil participantes, entre indústrias, investidores e lideranças do setor em painéis de debates, seminários informativos e oportunidades de negócios.

O Brasil já está na lista de maiores produtores de energia eólica do mundo e a estimativa é de que a capacidade eólica instalada chegue a 24 mil megawatts em 2024. Desse total, 21 mil deverão ser gerados na Região Nordeste.

Para o setor de energia solar, o governo federal lançou, no começo deste ano, o Programa de Desenvolvimento da Geração Distribuída de Energia Elétrica (ProGD), que prevê o estímulo à geração de energia a partir de placas solares em residências, prédios, condomínios e lojas, que possa ser compartilhada com o sistema das distribuidoras de energia.

O governo estima um potencial de investimentos de R\$ 100 bilhões nessas tecnologias e prevê a adesão de 2,7 milhões de unidades consumidoras ao programa até 2030.

### **Conta de luz 4,09% mais barata ajuda a conter inflação da baixa renda em março**

05/04/2016 - Fonte: Paraná Online

A conta de luz voltou a ficar mais barata em março para as famílias de baixa renda e ajudou a frear a inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor - Classe 1 (IPC-C1), divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). A tarifa de eletricidade residencial, que já tinha recuado 2,33% em fevereiro, acentuou a queda para 4,09% em março.

No mesmo período, a inflação pelo IPC-C1 desacelerou de 0,73% para 0,44%.

Quatro das oito classes de despesa que integram o indicador tiveram taxas de variação menores do que no mês anterior: Transportes (de 1,55% em fevereiro para 0,19% em março), Habitação (de 0,08% para -0,43%), Saúde e Cuidados Pessoais (de 0,58% para 0,36%) e Despesas Diversas (de 1,84% para 0,97%).

Além da conta de luz, outros destaques foram as tarifa de ônibus urbano (de 1,82% em fevereiro para 0,06% em março), artigos de higiene e cuidado pessoal (de 0,93% para 0,27%) e cigarros (de 3,02% para 1,27%).

Na direção oposta, houve aceleração no ritmo de aumento de preços nos grupos Alimentação (de 1,01% para 1,21%), Educação, Leitura e Recreação (de 0,38% para 0,42%), Vestuário (de 0,31% para 0,37%) e Comunicação (de 0,66% para 0,69%).

Segundo a FGV, os itens que contribuíram para o movimento foram itens laticínios (de 0,85% para 2,89%), hotel (de -1,97% para -0,21%), roupas (de 0,21% para 0,50%) e tarifa de telefone móvel (de 1,07% para 1,45%).

A taxa do IPC-C1 de março foi inferior à inflação média apurada entre as famílias com renda mensal entre 1 e 33 salários mínimos. O Índice de Preços ao Consumidor - Brasil (IPC-Br) mostrou alta de 0,50% no mês passado. Ambos são calculados pela FGV.

No acumulado em 12 meses, entretanto, o IPC-C1 ficou em 9,99%, patamar superior ao do IPC-BR, que avançou a 9,37% em igual período.

### **Confiança sobe, mas 62% das MPEs relatam piora, aponta CNDL**

05/04/2016 - Fonte: PEGN

A confiança dos micro e pequenos empresários teve leve melhora em março, segundo pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL). O resultado, no entanto, de 43,15 pontos, segue abaixo do nível neutro de 50 pontos, indicando que a confiança do setor segue baixa.

O levantamento mostra, ainda, que 62,5% dos micro e pequenos empresários relatam piora nas condições gerais de suas empresas nos últimos seis meses. O percentual dos que veem piora nas condições gerais da economia é ainda maior, de 82,5%.

Na outra ponta, apenas 9% das MPEs apontaram melhora em seus negócios nos últimos seis meses. Em relação à economia, apenas 5,9% viram melhora nas condições.

Ainda assim, mais da metade (56,25%) dos micro e pequenos empresários expressa confiança em relação aos seus negócios.

“Mesmo tendo clareza de que nos últimos meses o ambiente de negócios deteriorou-se, desde o início do ano os micro e pequenos empresários mostram-se mais confiantes”, afirma, em nota, a economista-chefe do **SPC** Brasil, Marcela Kawauti.